



★★★

IL VIAGGIO D'AMORE

Arianna Savall (s), Petter Udland Johansen (t), Hirundo Maris
Carpe Diem/VGM

Exige algum comprometimento com os aspetos mais sentimentais da celebração que propõe, mas, com efeito, a verdade é que este disco termina com 'Gracias a la Vida', a canção que Violeta Parra escreveu pouco antes de pôr um ponto final na sua existência física com um tiro na cabeça. Ou seja, num programa que vai liquefazendo relógios e ignorando fronteiras, da Península Ibérica ao Chile, da Itália à Noruega, da Áustria à Inglaterra, do Renascimento ao século XX, é como se Arianna Savall (voz e harpa), Petter Udland Johansen (voz e rabeca) e os demais músicos do ensemble Hirundo Maris, através de tamanha ambiguidade, viessem dizer que o amor é por excelência o palco de todas as contradições ou, quiçá, num derradeiro arroubo romântico, que com a morte não vem necessariamente o fim. Há aqui pelo menos uma canção que mais do que isso não diz — ou melhor, trata-se de uma adaptação, por Arianna, de um poema de Apollinaire ("L'adieu") em que o narrador aspira à eternidade. Mas as visões sobre o amor que este CD propõe são mais variadas: há espaço para a traição ('Rosa fresca'), para a sedução ('Yo me soy la morenica'), para o incesto ('La Dama d'Aragó'), para a rejeição ('Si dolce è il tormento', o famoso madrigal de Monteverdi), enfim, para a consumação ('L'amour de moi' e, ao que tudo indica, também o espinhoso 'Heidenröslein', de Schubert e Goethe, outro tanto não vem simbolizar). No entanto, cada perspectiva é em si mesma absolutamente definitiva e completamente parcial. Lá está, só a trova de Parra se mostra capaz de conciliar contrários. A viagem só fica mais pungente por isso. / J.S.

DAS ESFERAS

RMN



/ JOÃO LISBOA

Por vezes, a suspeita de que poderá tratar-se de deformação profissional conduzida ao supremo estado da estropeação mental torna-se um bocadinho inquietante. Sim, viver rodeado de prateleiras ocupadas por milhares de rodelas de plástico (e número perigosamente crescente

de ficheiros digitais) contendo milhões de horas de música já ouvidas, reouvidas e prontas para serem, pela primeira vez, escutadas — é isto a verdadeira *wall of sound* —, em acumulação com os quilómetros de páginas lidas ou escritas sobre o assunto, mais a literal infinidade de fotogramas em que imagens e sons se combinam, contradizem e reforçam, é coisa capaz de alterar radicalmente o normal funcionamento dos sentidos através dos quais lemos o mundo. E de nos levar a ser olhados desconfiadamente de esguelha se, por exemplo, paramos para escutar o puro deleite sonoro de 40 ou 50 Pais Natal musicais que, numa tenda de feira, cada um reproduzindo uma melodia diferente, zumbem um persistente *drone* em permanente transformação. Ou a sermos considerados tolinhos excêntricos se suplicamos por cageano silêncio quando um maravilhoso concerto de cigarras, inesperadamente, acontece. Há cerca de um ano, tinha deparado com olhos arregalados de espanto, expressões de incredulidade e comentários condescendentes do género 'este tipo não joga com o baralho todo', quando me atrevi a dizer que ser submetido a uma RMN (Ressonância Magnética Nuclear) havia sido uma das duas ou três experiências sonoras/musicais mais memoráveis da minha vida. A começar pelo técnico de imagiologia a quem, no final dos 20 ou 30 minutos (não sei bem, perdi por completo a noção do tempo e do espaço, na verdade, deixei, pura e simplesmente de 'estar ali'...), ainda em manobra de aterragem da *interstellar overdrive*, perguntei se não podia continuar "só mais um bocadinho", e a acabar em todas as pessoas a quem tentava descrever o assombro de ter, simultaneamente, habitado, por dentro, a "Ascension", de Glenn Branca, e meia dúzia de peças de Stockhausen. É, por isso, reconfortante descobrir que não estamos sós. No número de 5 de dezembro desta revista, li, com surpresa, a crónica do psiquiatra José Gameiro relatando, em palavras que poderiam ser minhas, o seu deslumbramento igualmente melómano (ele também conseguiu ouvir Luciano Berio, esse escapou-me...) perante idêntica RMN. Só me ocorre dizer: a meus braços, doutor Gameiro! ●

lishbuna@gmail.com